

# Reflexões sobre a leitura, a histeria e a feminilidade em *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector

Edson Santos de Oliveira

Pós-doutorando em Literatura e Psicanálise no IEL/UNICAMP

Professor do Centro Pedagógico da UFMG (Coltec)

Membro do Fórum do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

---

**Resumo:** Pretendemos evidenciar, neste artigo, alguns traços histéricos recriados ficcionalmente por Clarice Lispector no conto “Felicidade Clandestina”, demonstrando como esses traços podem servir de instrumentos significativos na construção de uma escrita feminina e na elaboração de uma teoria da leitura em sua obra.

**Palavras-chave:** 1. Feminilidade. 2. Histeria. 3. Leitura.

**Abstract:** In this article, we intend to point out some hysterical traces fictionally recreated by Clarice Lispector in the tale “Felicidade Clandestina”, by showing how these traces can work as significant instruments in the feminine writing construction and also in the elaboration of a reading theory in her fictional work.

**Keywords:** 1. Femininity. 2. Hysteria. 3. Reading

---

Clarice Lispector, desde quando surgiu em 1944, com a obra *Perto do coração selvagem*, surpreendeu a crítica com sua escrita feminina, produzindo não um texto do prazer, dando ao leitor o que ele quer, mas oferecendo-lhe uma escrita do gozo que desconforta, desaloja e desinstala o leitor, levando-o a construir novos sentidos, como propunha Roland Barthes. O que seria essa escrita? Antes de responder a essa pergunta, poderíamos fazer outra: o que seria a feminilidade? Joel Birman, estudando a feminilidade, a partir de Freud e Lacan, garante que ela não deve ser entendida a partir de uma relação com o gênero feminino. Afirma o escritor carioca:

Assim, é preciso dizer que a feminilidade não seria identificada nem com o ser da mulher, nem tampouco com a sexualidade feminina, bem entendido. Isso porque a feminilidade remeteria a algo que transcenderia a diferença de sexos, ultrapassando em muito a oposição entre as figuras do homem e da mulher. Tratar-se-ia, pois, de um outro registro da sexualidade, original até agora no percurso teórico de Freud. Além disso, esse registro sexual se caracterizaria pela ausência de referência ao falo. Estaria justamente aí sua originalidade (BIRMAN, p. 51).

A feminilidade, segundo Birman, ultrapassaria a lógica fálica, estando presente tanto no homem quanto na mulher. Desse modo, o pesquisador carioca percebe que no último Freud já estaria latente o conceito de feminilidade, que tem como traços mar-

cantes a incompletude, a insuficiência, a inexistência do objeto fixo da pulsão, além de outros (BIRMAN, p. 53).

É nessa linha que podemos entender a escrita feminina, que está presente nos grandes autores. Escrita que se caracteriza pela falta, pelo texto do fragmento e da ruptura, como afirma Lúcia Castello Branco:

Por isso, como discurso da margem, ela (a escrita feminina) será uma escrita do fragmento, da ruptura, da cisão; uma escrita a que corresponde uma dimensão temporal sempre descontínua, sempre lacunar; a uma noção de sujeito não pleno, não acabado, uma escrita que não nega o vazio que a constitui, mas que antes o existe, o apresenta, e faz dele matéria de linguagem” (CASTELLO BRANCO, p. 75).

Tanto em Clarice Lispector, como em Machado, Guimarães Rosa, Raduan Nassar, para ficar apenas em alguns autores da Literatura Brasileira, a escrita se mostra como feminina na medida em que ela é “não-toda”. Trata-se de um texto que tende a se aproximar do poético, que se expressa num dizer máximo com um mínimo de significantes, escrita adâmica, desafiando o leitor a completá-la sempre.

Enquanto texto lacunar e enigmático, esse modo de escrever teria, na nossa opinião, sintonia com a histeria na medida em que o que marca essa estrutura é a falta. Não pretendemos aqui fundir feminilidade com histeria. O que desejamos é realçar alguns traços da escrita feminina de Clarice que, coincidentemente, têm algumas relações com o modo histérico de ser. Ressaltamos ainda que essas ressonâncias históricas estão sendo enfocadas a partir de um enfoque literário. Não temos a intenção de diagnosticar as personagens nem analisá-las como um caso clínico. Acreditamos que, em algumas obras de Clarice, essa escrita feminina estaria acompanhada, no plano ficcional, de encenações históricas. O texto de Clarice sempre se pautou pela fragmentação, uma das marcas da literatura contemporânea. Nela, o enredo é “vazio”, as personagens são seres fragmentados, quase que colados às coisas. Ora, um dos traços que marcam a histeria é a fragmentação, como afirma Rosolato:

O histérico, portanto, persegue e deseja esse drama, repetido e cíclico, que consiste em alcançar uma unidade que se desagrega. Nessa relação, vivida pateticamente, da tentativa de união colocada em questão, uma e outra vez se realiza a ruptura que quebra o todo, fragmentando. Em oposição, o obsessivo está em posse de uma unidade que preserva e mantém (in: ALONSO & FUKS, p. 169).

O livro *Felicidade Clandestina* foi publicado inicialmente como crônicas no *Jornal do Brasil*. A crítica teve dúvida, na época, em considerar tais textos como contos ou crônicas e não percebeu que a natureza fragmentária da escrita de Clarice era o ponto central de sua obra. Nesse sentido, a fragmentação, a feminilidade e a encenação histérica, nas narrativas dessa autora, não permitem encaixá-la em gêneros: “Gênero não me pega mais”, já dizia a escritora em um de seus romances.

O conto que iremos ler é “Felicidade Clandestina”, que pertence ao livro do mesmo nome. A personagem-narradora conta uma experiência que teve, mais ou menos entre os oito e os nove anos, com relação à leitura. Ela amava os livros. Um dia, uma garota gorda, sua vizinha em Recife, lhe disse casualmente que tinha o volume *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. A narradora-personagem pede à garota, cujo pai era dono de uma livraria, o livro emprestado. A menina gorda vai, perversamente, adiando a entrega desse objeto de desejo para a narradora. Várias vezes a protagonista tenta buscar a obra e recebe uma negação, dizendo que ela foi emprestada para outra pessoa.

A sua ânsia de ler vai crescendo e a decepção aumentando. Até que um dia, ao tentar buscar o livro, surge a mãe da garota gorda, garantindo-lhe que ele nunca fora emprestado e que ela poderia ficar com ele “pelo tempo que quisesse”. Ao receber o livro, a menina-leitora fica radiante, entusiasmada. Chegando em casa, não começa a lê-lo. “Fingia que não o tinha só para depois ter o susto de o ter”. Ela vai adiando a leitura, criando uma espécie de felicidade clandestina, em “êxtase puríssimo”. “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante” (p. 7).

Resumir o conto é empobrecê-lo dada a sua riqueza simbólica. Tentemos observar de que modo o texto de Clarice faz uma encenação ficcional da histeria. Um dos traços da histérica é o sentir-se uma vítima infeliz e insatisfeita. A menina leitora se vê torturada, uma espécie de objeto da garota dona do livro: “comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia” (p. 5). Para a menina que lê, a garota gorda, com esse traço perverso, simboliza o Outro que lhe garante a insatisfação. Há, pois, no caso da filha do dono da livraria, um gozo em negar, em adiar o objeto de desejo da menina leitora. Existe também uma espécie de desafio ao pai, o dono da livraria, sempre ausente no conto. Sua filha, pequena perversa, desafia-o, no momento em que ela se coloca na posição de detentora do falo. E o curioso é que a mãe é quem metaforicamente estabelece a castração da menina gorda, funcionando como a Lei e entregando o livro à garota leitora. A mãe interrompe o gozo da filha, criando um excesso de gozo na pequena histérica que, assustada, adia o desejo.

O histérico, na sua posição de vítima, “instala no corpo do outro um novo corpo” (NASIO, p. 17). O conto de Clarice, já no primeiro parágrafo, começa a descrever o corpo da garota gorda: “ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados” (p. 5). Desvalorizando o corpo da filha do dono da livraria, ela valoriza o seu, criando na rival uma espécie de inveja e ódio, justificando a sua posição de vítima, ao mesmo tempo em que, juntamente com suas colegas, coloca seu corpo numa posição de “dar a ver”: “como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo” (p. 5).

O desejo, enquanto falta, na pequena leitora, é patente: ela quer ansiosamente um objeto, o livro, que poderia, na sua fantasia, completá-la plenamente. Esse objeto do desejo é adiado pela garota obesa, que se coloca numa posição perversa e vai gozando com a negação desse objeto. No final, a encenação histérica da garota leitora salta à vista: ao conseguir o objeto do seu desejo, ela adia o gozo. Para ela, sentir-se satisfeita, ter o gozo na sua plenitude, é impossível. Por isso, ela vai protelando a leitura, já que tem medo de gozar. Daí o seu fingimento: “fingia que não o tinha”, “fingia que não sabia onde guardava o livro” (p. 8). No fundo, a menina-leitora quer provar para si mesma, nesse seu teatro narcísico, que seu gozo deve continuar insatisfeito.

No conto, encontramos uma narradora adulta que se lembra da infância. Esse passado, ela recorda, não de modo pleno, mas deformado pelo processo da memória. Vale ressaltar que a sexualidade do histérico é basicamente infantil. Assim, a recordação infantil é recriada imaginariamente, no tempo da enunciação, pela narradora madura, através da narração que ela conta ao leitor. Este recebe um texto em segunda versão, já que a narradora adulta filtra e reinventa o passado de acordo com suas fantasias históricas no instante em que narra.

Interessante observar também que essas recordações infantis estão associadas a um livro muito lido na infância, *Reinações de Narzinho*, de Monteiro Lobato, obra que vai ocupar o objeto do desejo da garota leitora. Podemos dizer que essa obra contém todas as fantasias de que ela poderia desfrutar. Dessa forma, o espaço imaginário de Lobato, o Sítio do Pica-pau amarelo, passa a ser uma espécie de paraíso no qual todos os sonhos da garota são possíveis. Ler esse livro, para a menina leitora, é entrar no mundo lobatiano do faz de conta. Para a narradora adulta, que recorda e está na enunciação, ler é como ser possuída sexualmente por um amante pleno, que supostamente a completaria. Uma vez que ela tem medo do gozo total, a personagem-narradora o recu-

sa. Nesse sentido é que podemos entender o final do conto: “não era mais uma *menina* com um livro: era uma *mulher* com o seu amante”.

Essa transformação do livro em amante cria uma erótica clandestinidade que aumenta o gozo da protagonista, como se ela estivesse praticando uma “arte”, um ato proibido na infância, aguçando ainda mais o desejo.

O ato de ler clandestinamente supõe ter um desejo diferenciado, um amor proibido e por isso mais saboroso. No entanto, esse amor deve ser adiado para que ele permaneça. Adiar é proteger-se do gozo. Como o livro-falo é incompleto, uma vez que ela encena uma posição histérica, a garota precisa de um Outro, o “corpo” do livro-amante. Estando disponível esse “amante”, ela o descarta, para sustentar o gozo, que para ela deve ser não apenas fálico, mas total. Vejamos o que afirma Sérgio Scotti sobre o comportamento histérico: “a histérica, recusando-se a jogar o jogo, colocando-se à parte, espera alcançar outro gozo que não o fálico, um gozo completo, total” (SCOTTI, 2003, p. 208). Esse gozo total, no conto de Clarice, seria metaforizado na leitura, que deve ser mantida para sustentar o desejo. Cria-se então uma relação entre leitura e falta.

Voltemos à relação intertextual entre *Reinações de Narizinho* e o texto de Clarice. A personagem Narizinho, em suas constantes indagações, em sua insaciável curiosidade diante do saber, coloca-se numa posição de falta e funciona como uma espécie de modelo a ser alcançado pela garota-leitora. Na sua posição histérica de adiar a leitura da obra de Monteiro Lobato, ela percebeu intuitivamente que todo texto é também faltante e que o processo de leitura nunca se acaba. A cada momento em que lemos um texto, ele já é outro. O sentido de uma obra nunca é definitivo: o que se pode capturar é “o brilho de seus efeitos que não se paralisam” (BRANDÃO, 1996, p. 35). A sua posição histérica de adiar a leitura acaba sendo uma atitude de convivência com a natureza de todo texto do gozo, que é sempre uma escrita do impossível. Parafraseando Barthes, podemos dizer que a menina se coloca num “grau zero” de leitura. Adiando-a, ela se abstém de mergulhar no texto escrito do livro, criando uma infinidade de sentidos possíveis: nenhuma metalinguagem, nenhuma voz: silêncio clandestino e conivente entre a futura mulher e o amante-livro, promessa futura de amores e de signos. E nessa encenação histérica, a garota leitora descobre, intuitivamente, que “a língua é insuficiência e resistência” (BARTHES, 1977, p. 65).

Essas reflexões nos permitem levantar a hipótese de se estudar a escrita de Clarice Lispector a partir da noção de feminilidade e de uma teoria da leitura tendo em vista alguns elementos históricos que, reelaborados e filtrados pelo processo ficcional, perpassam por sua obra. Temas como a falta, o adiamento do gozo e a insatisfação aparecem com alguma frequência em seus textos. Não se trata aqui de apenas levantar traços históricos na obra de Clarice, mas de apontar para questões mais verticais como: o que é ser mulher?; ou, o que é ler? Quais as relações entre ler e escrever? Que outras conexões podem ser encontradas entre leitura, desejo, escrita e falta? Encenando ficcionalmente a histeria, Clarice não apenas recria uma experiência de infância, mas universaliza posições existenciais da condição humana. Somos seres faltantes e divididos. O gozo está sempre em um mais além e, no entanto, continuamos a ler, a criar e a amar.

## Referências

ALONSO, Sílvia Leonor & FUKS, Mário Pablo. *Histeria: clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BIRMAN, Joel. *Cartografia do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e Psicanálise*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRS, 1996.

CASTELLO BRANCO, Lúcia & BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literaterras*. São Paulo: Editora Annablume, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. São Paulo: Ática, 1996.

NASIO, J. D. *A histeria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

SCOTTI, Sérgio. *A estrutura da histeria em Madame Bovary*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.